

Painel: *Influência da cultura atual no desenvolvimento da família* | Alfredo Teixeira

As famílias são, nas sociedades, lugares privilegiados de observação das suas dinâmicas de mudança. Elas não são um contexto passivo que apenas absorve as dinâmicas do meio. De formas diversas, também elas agem na construção do espaço social. É por isso que, quando observamos as sociedades do Atlântico Norte, encontramos nas configurações e práticas familiares, o rasto de uma transformação de médio e longo curso, que devemos compreender no quadro de uma ampla mudança cultural.

Nas sociedades tradicionais – ou, neste contexto, pré-modernas – a identidade principal do indivíduo passava pela experiência de ser «filho ou filha de...». Os vínculos principais eram de ordem vertical, no plano da ascendência e da descendência – o pai de família, o rei, o fundador, os pais da nação, Deus. As dinâmicas de modernização destas sociedades criaram condições para uma outra valorização dos laços horizontais. Sob o ponto de vista político, a Revolução Francesa reorienta as relações de vinculação numa dupla horizontalidade: na esfera pública, cidadãos; na esfera privada, cônjuges. Os diversos conjuntos normativos que acompanharão estas transformações, relativamente à organização da transmissão patrimonial e à regulação dos casamentos tenderão a incorporar este novo paradigma. A «invenção» moderna do divórcio é, neste sentido, um indicador de que o casamento mudou. O divórcio sinaliza com clareza que aquela instituição, doravante, se encontra limitada pelos valores modernos da liberdade individual.

Esta transformação tem contornos amplos. Acompanha os processos de fragilização as conceções comunitárias do vínculo social e afirma-se em renovadas expressões de uma cultura de afirmação do indivíduo enquanto existência «pessoal». Neste contexto, as identidades filiais ou conjugais não são suficientes para preencher esta demanda de identidade. De alguma forma, poderá dizer-se que a célula da sociedade deixou de ser a sociedade e passou a ser o indivíduo.

A própria experiência de conjugalidade se recompõe num tecido de novos valores. Nas sociedades tradicionais, o casamento não dá prioridade às relações afetivas entre um homem e uma mulher. O património e a descendência estão em primeiro lugar. O imaginário amoroso, já presente em momentos anteriores da história europeia, encontra na modernidade a possibilidade de tomar novas formas sociais. As novas articulações entre os diversos planos da vivência do casamento – conjugalidade amorosa, parentalidade e património – acabam por poder estar em tensão, tornando a família menos estável. Mas este é o contexto em que a família vê reforçada, também, a sua importância enquanto contexto privilegiado de reconhecimento e suporte das identidades individuais.

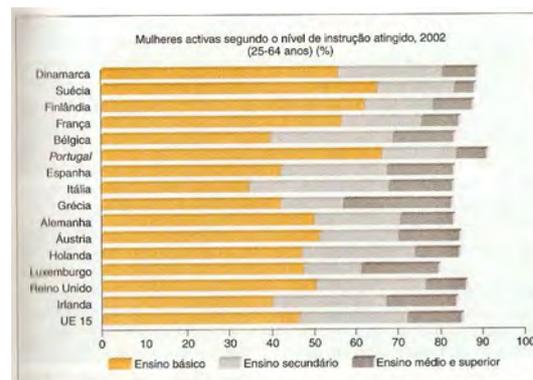
Esta cultura da individualização que remodela as práticas e valores familiares acompanha a fragilização global dos laços sociais – a «modernidade líquida». No caso da família, a função de reprodução social que lhe é atribuída não convive sem tensões com o ideal de realização de si que a dinamiza.

Alfredo Teixeira é Mestre em Teologia Sistemática (FT-UCP, 1994) e Doutor em Antropologia Política (ISCTE-IUL, 2004). Integrado no Departamento de Teologia Prática da Faculdade de Teologia, exerce atualmente o cargo de Director do Instituto Universitário de Ciências Religiosas e Coordenador Executivo do Centro de Estudos de Religiões e Culturas. Coordenou os seguintes projetos de investigação: «Itinerários e trajetórias crentes na cidade», «Cultura religiosa na escola», «Morfologia do campo religioso na sociedade portuguesa», «Ação social da Igreja católica em Portugal», «Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas». É autor de diversos artigos e livros no âmbito das ciências sociais e da teologia, explorando, em particular, as interações e os espaços intersticiais que relacionam estas disciplinas.

FAMÍLIA E DINÂMICAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Alfredo Teixeira

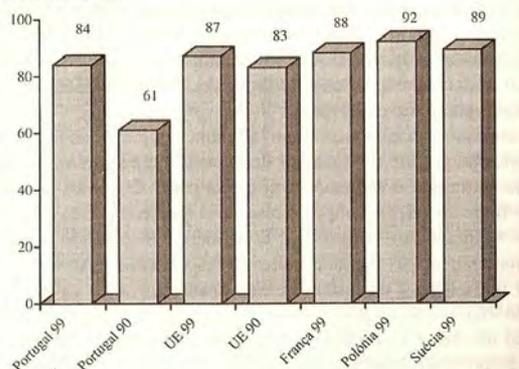
Faculdade de Teologia | Centro de Estudos de Religiões e Culturas
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA



Fonte: Torres, Anália, *Vida Conjugal e Trabalho*, Oeiras, Celta Editora, 2004.

A família como aspecto muito importante da vida (1990-1999) (percentagem)

[GRÁFICO N.º 1.1]



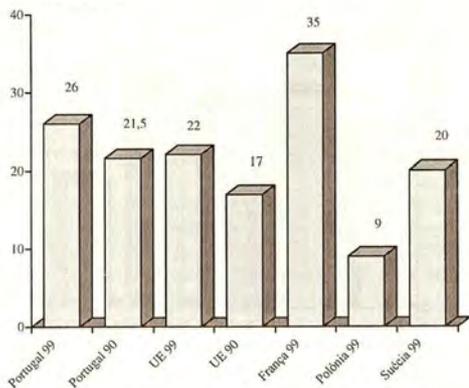
Importância atribuída a aspectos da vida – Portugal (percentagem)

[QUADRO N.º 3.1]

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	Não sabe/não responde
Trabalho.....	57,8	37,1	3,3	1,6	0,2
Família.....	84,1	14,4	1,3	-	0,2
Amigos e conhecidos.....	30,3	57,1	11,6	0,4	0,6
Tempos livres.....	19,9	62,7	15,3	0,8	1,3
Política.....	4,5	22,2	36,5	35,5	1,3
Religião.....	27,0	47,7	16,7	7,6	1,0

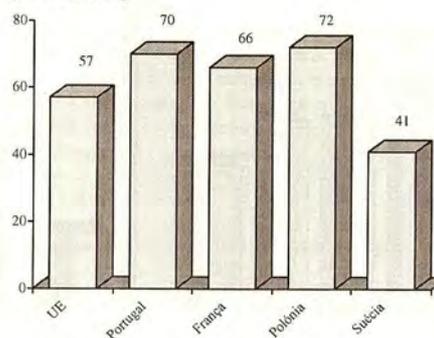
O casamento é uma instituição antiquada (1990-1999) (percentagem que concorda totalmente e concorda)

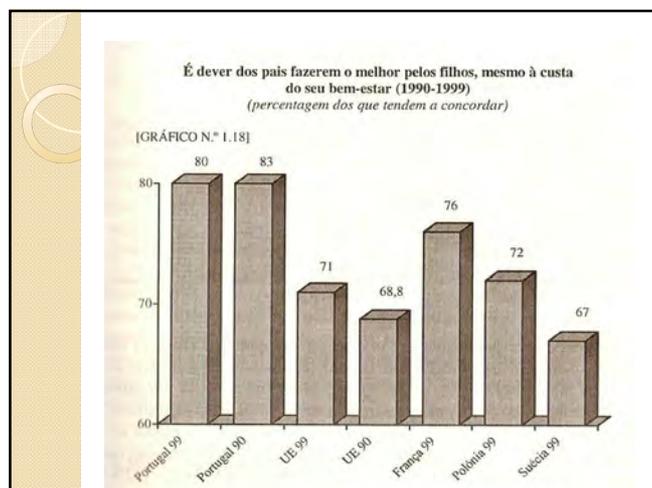
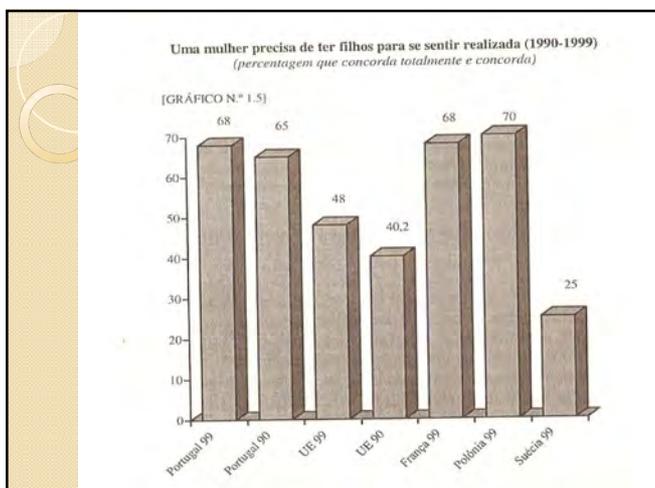
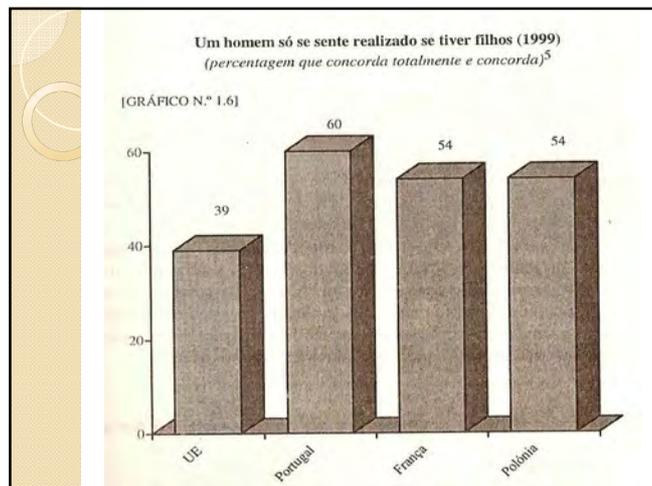
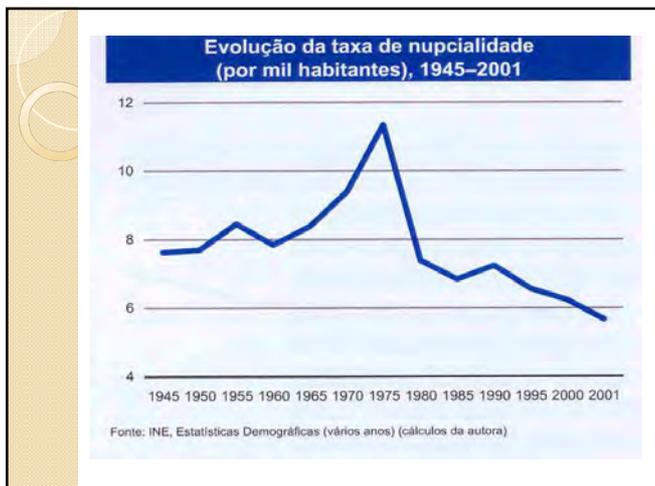
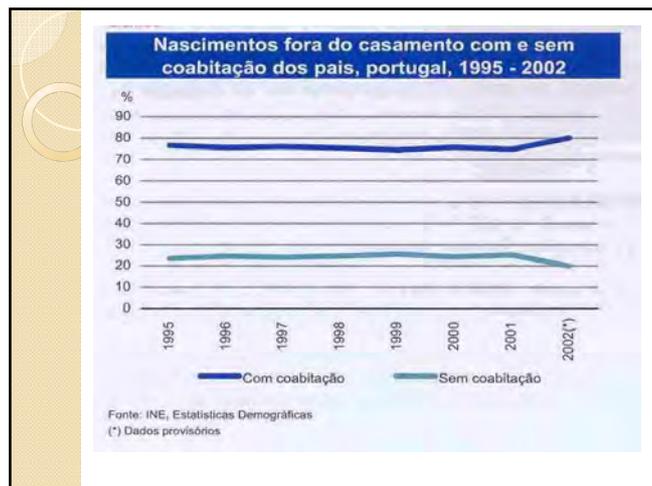
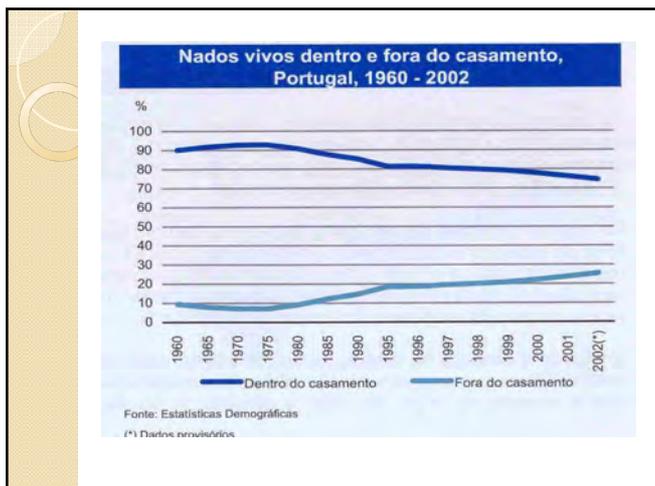
[GRÁFICO N.º 1.3]



Para que uma pessoa seja feliz precisa de um casamento ou de uma relação estável (1999) (percentagem que concorda totalmente e concorda)

[GRÁFICO N.º 1.2]



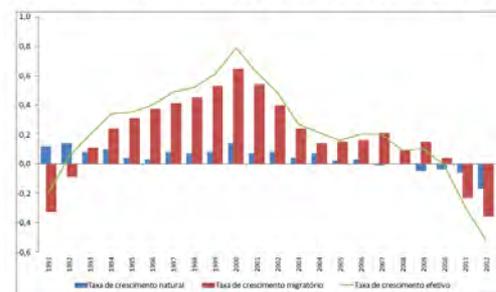


FAMÍLIA E DINÂMICAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Alfredo Teixeira

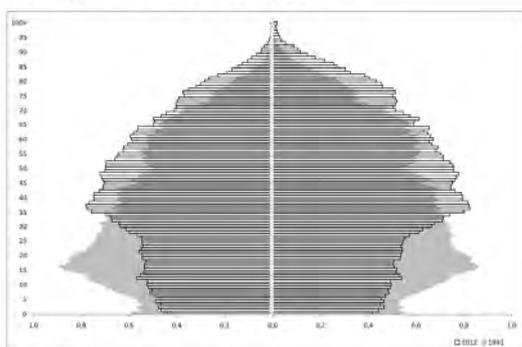
Faculdade de Teologia | Centro de Estudos de Religiões e Culturas
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Figura 1 - Taxas de crescimento natural, migratório e total, 1991-2012, Portugal



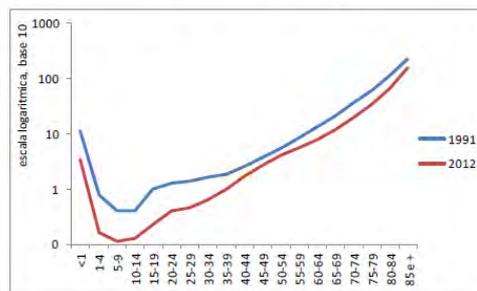
Fonte: INE, Estatísticas Demográficas.

Figura 2 - Pirâmides etárias, 1991 e 2012, Portugal



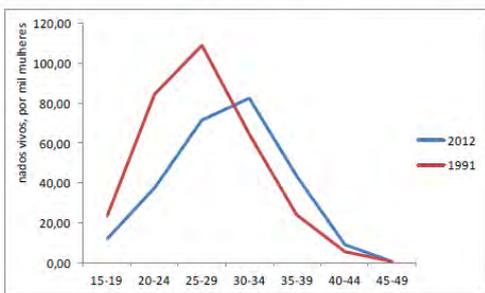
Fonte: INE, Estatísticas Demográficas.

Figura 3 - Taxas de mortalidade específicas por grupo etário, 1991 e 2012



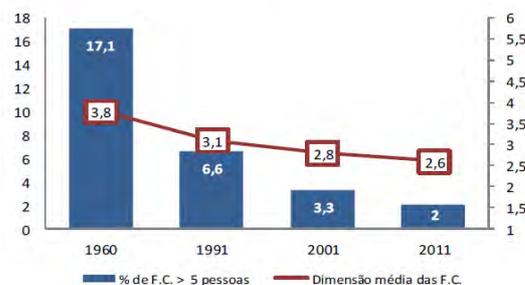
Fonte: INE, Estatísticas Demográficas.

Figura 4 - Taxas de fecundidade específicas por grupo etário, 1991 e 2012

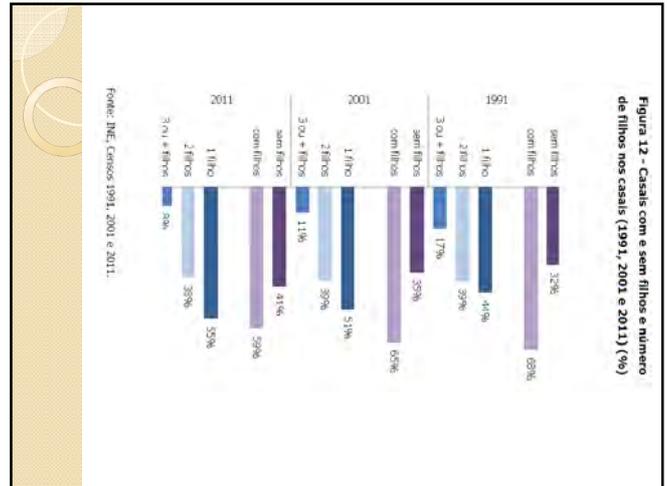
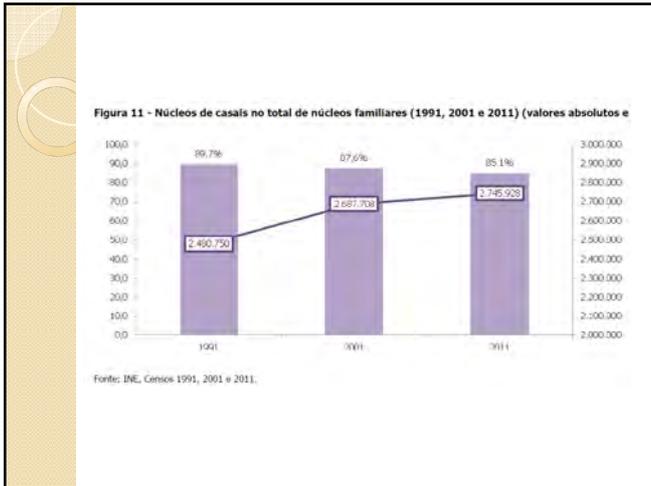


Fonte: INE, Estatísticas Demográficas.

Figura 6 - % de Famílias com + do que 5 pessoas e dimensão média das famílias clássicas – Portugal, 1960-2011



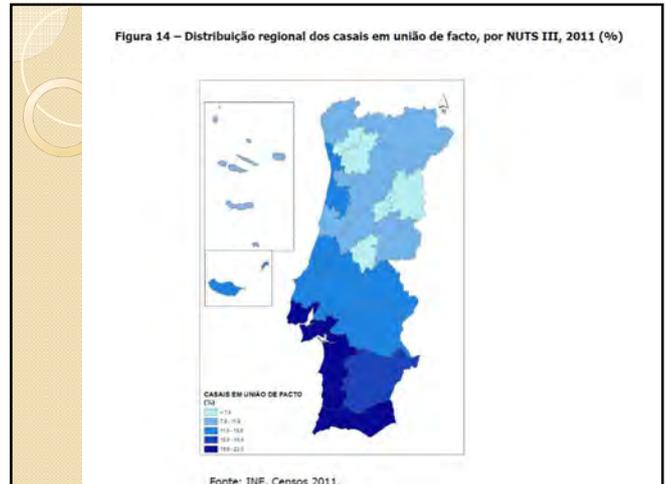
Fonte: INE, Censos 1960, 1991, 2001 e 2011.



Quadro 2 - Casais com e sem filhos e casais recompostos por tipo de núcleo ("de direito" e "de facto"), 1991, 2001 e 2011 (valores absolutos, % e Tx Vr)

Casais	Ano			Tx Variação 2001-2011
	1991	2001	2011	
Todos				
"de direito" sem filhos	30,7	32,6	35,4	11,2
"de facto" sem filhos	1,4	2,7	5,8	119,9
"de direito" com filhos	65,4	60,5	51,3	-13,4
"de facto" com filhos	2,5	4,2	7,5	90,4
Total	2 480 561	2 687 708	2 745 928	2,2
Recompostos				
"de direito"	-	44,1	40,8	109,0
"de facto"	-	55,9	59,2	139,5
Total	-	46 786	105 763	126,1

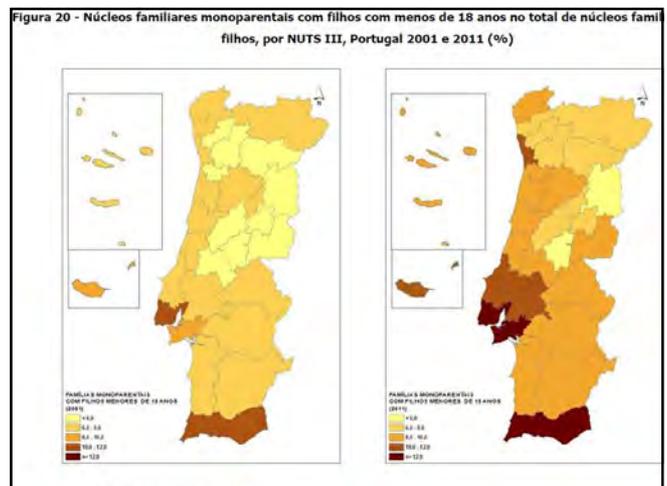
Fonte: INE, Censos 1991, 2001 e 2011.



Quadro 3 - Núcleos familiares monoparentais por idade do filho mais novo 1991,2001-2011 (valores absolutos, percentagens e taxas de variação)

Núcleos Monoparentais	1991	2001	2011	Taxa de variação	
				1991/2001	2001/2011
Filhos de todas as idades	254261	353971	480443		
% no total de núcleos	9,2	11,5	14,9		
% no total de núcleos com filhos	13,1	17,9	22,9		
Filhos < de 18 anos	130850	149141	220244		
% no total de núcleos	4,8	4,9	6,8		
% no total de núcleos com filhos	6,8	7,5	10,5		
% no total de núcleos monoparentais	51,5	42,1	45,8		
Por idade do filho mais novo	1991	2001	2011	Taxa de variação	
				1991/2001	2001/2011
Filhos de todas as idades					
• Pai só	35088	48140	64100	37,2%	33,2%
• Mãe só	219713	305831	416343	39,5%	36,1%
Total	254261	353971	480443	39,2%	35,7%
Filhos < 18 anos					
• Pai só	15440	17151	23844	11,1%	39%
• Mãe só	115410	131990	196400	14,4%	48,8%
Subtotal	130850	149141	220244	14 %	47,7%

Fonte: INE, Censos 1991, 2001 e 2011.





**FAMÍLIA E DINÂMICAS SOCIAIS
CONTEMPORÂNEAS**

Alfredo Teixeira
Faculdade de Teologia | Centro de Estudos de Religiões e Culturas
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA